



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

KAROL SOARES II

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-417

Entrevistada: Karol Soares

Nascimento: 20/02/1993

Local da entrevista: Centro Olímpico de Treinamento – São Paulo

Entrevistadora: Pamela Siqueira Joras

Data da entrevista: 15/05/2014

Transcrição: Eliana Ribeiro de Freitas

Copidesque: Pamela Siqueira Joras

Pesquisa: Eliana Ribeiro de Freitas

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 25 minutos e 55 segundos

Páginas Digitadas: 10 páginas

Observações:

Entrevista produzida para o *Programa Futebol e Mulheres* desenvolvido pelo Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO)

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Início no futebol; Futebol na rua; Vida no interior de Sergipe; Relação com a família; Viagem para São Paulo; Clubes nos quais atuou; Associação Portuguesa dos Desportos; Seleção brasileira; Expectativas futuras

São Paulo, 15 de maio de 2014. Entrevista com Karol Soares a cargo da pesquisadora Pamela Siqueira Joras para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

P.J. – Karol, primeiro gostaria de te agradecer por nos conceder essa entrevista. Eu gostaria que tu falasses um pouquinho como e quando foi que tu começaste a jogar futebol. Como foi o teu primeiro contato com o esporte?

K.S. – Eu comecei a jogar futebol, acho que foi por vontade própria, pois lá onde eu morava eu via os meninos jogando futebol e não tinha nenhuma menina que jogasse. Eu jogava bola, não era bem bola, era garrafa pet. [RISOS]

P.J. – Onde tu moravas?

K.S. – Eu morava no interior de Sergipe, no meio do mato.

P.J. – Qual o nome da tua cidade?

K.S. – O nome da cidade é Malhador. Eu tinha vontade de jogar bola, via os homens jogando na televisão e comecei a jogar por vontade própria, pois, minha família preferia que eu estudasse, porque não acreditavam que eu teria um bom futuro no futebol.

P.J. – E quando tu começou a jogar, jogava com os vizinhos, amigos, como era?

K.S. – Eu ia jogar escondida. Jogava com os meninos, com o pessoal da rua. Na escola, eu ia mais cedinho, de manhã, e levava a bola para que nós jogássemos antes da aula. Os meninos ficavam me esperando na quadra para jogar. A minha primeira escolinha foi com 14 anos e era tudo muito difícil. Nunca foi fácil, eu tinha que me deslocar do interior para a capital. Tinha a questão da condução, de passagem, de horários, e eu chegava em casa muito tarde, à meia noite, e tinha aula no outro dia de manhã, meu pai me buscava em outra cidade porque eu tinha que fazer baldeação. Era muito difícil. [RISO]

P.J. – E como era com tua família, eles te apoiavam ou tinha alguma reprovação?

K.S. – Meu pai me apoiou até eu colocar na minha cabeça que eu queria isso como profissão. Quando eu decidi que essa seria minha profissão, eu queria ir para fora da cidade, fazer teste nos clubes e tal, já era outra etapa. Isso pra mim, que morava na roça, era muito difícil. Era outra etapa complicada, entende.

P.J. – Isso por volta dos teus 14 anos?

K.S. - Por volta dos meus 14, 15 anos. Por aí. Eu passei por diversas escolinhas já, todas de lá.

P.J. – E a tua mãe, o que ela achava disso?

K.S. – É complicado. Minha relação com minha mãe era complicada. Às vezes ela apoiava, às vezes não. Ela achava que o futebol não me proporcionaria um futuro, achava que era perda de tempo, queria que eu fosse estudar, na verdade.

P.J. – E quando veio a tua vontade de procurar um clube, uma equipe para jogar?

K.S. – Eu me espelhava nos homens porque não havia muito futebol feminino. Eu sou flamenguista. [RISOS] Eu vestia camisa do flamengo e saía correndo pelo quintal dizendo que queria ser jogadora. Jogava com uma bolinha de couro bem pesada, porque não tinha dinheiro para comprar bola. Veio essa vontade e eu comecei a pesquisar na internet sobre times femininos, e encontrei informações, vi que tinham times femininos, tinha futebol feminino. Foi aí que eu disse: “É isso que eu quero. Então vou atrás do meu sonho.” Na primeira escolinha que eu joguei conheci meu treinador que considero meu mestre. Ele me ensinou tudo o que eu sei sobre futebol. Conheço ele desde os meus 14 anos, hoje eu tenho 21. Ele sempre esteve comigo neste período, me ensinou muito sobre futebol, justamente essa força, essa garra que eu tenho veio dele, por ele acreditar muito. Quando fui fazer meu primeiro teste, foi na Bahia, no time do [pausa].

P.J. – Esqueceu?

K.S. – Esqueci o nome.[RISOS]

P.J. – E o nome desse teu treinador?

K.S. – O nome dele é Jailson¹. Eu fui fazer esse teste, no entanto, eu não fiquei lá. Eu passei um mês lá, mas não fiquei porque houve problemas extracampo.

P.J. – E como tu chegou até lá?

K.S. – Nessa primeira vez, eu consegui a passagem e fui de ônibus. Quando eu voltei, eu já sabia que realmente era aquilo que eu queria. Voltei de lá, e pensei assim: “Não sei como, nem com que condições, mas eu vou atrás de outros clubes.” Foi quando eu fui para Minas, peguei carona. Cheguei lá em Minas Gerais do mesmo jeito que cheguei aqui em São Paulo sem nada, nada de dinheiro. E também era muito frio.

P.J. – Foi só de carona?

K.S. – Só de carona. Eu já queria até me tornar caminhoneira. [RISOS]

P.J. – E como foi quando tu saiu de casa?

K.S. – Eu saí e falei que ia viajar. Pois chegou um período que eu morava com a família do meu treinador, que por sinal, faz parte da minha vida. Ele só falava para mim que me apoiava, que eu tinha que por a “cara para bater”. Isso já na capital, porque eu saí do interior assim que completei 18 anos. Não esperei nem dois dias para sair de casa. Saí imediatamente. Não voltei mais para casa até hoje.

P.J. – Foi para a capital?

K.S. – Fui para a capital e até hoje eu não voltei pra casa. Nesse período que eu fui para Minas, cheguei lá assim, fui de carona, cheguei sem ter lugar, sem ter onde ficar e fui conhecendo as pessoas e as pessoas foram intermediando até eu conseguir jogar em um

time. Não lembro agora o nome do time. Eu vi o campeonato mineiro e tal. Não deu para eu ficar por lá. Aí eu voltei para Aracaju, fiquei na casa do meu professor de novo e de lá eu fui para Teresina, no Piauí. Fiquei mais ou menos oito meses no Piauí jogando pelo Tiradentes². Depois que eu saí de lá voltei para Aracaju de novo porque não deu para eu ficar lá. Fui para Recife, foi a primeira vez que eu fui para lá. Fui de carona também. Quando eu cheguei lá em Vitória de Santo Antão estavam todas as meninas da Seleção: Thaisinha³, Thais Picarte⁴, Ketlen⁵, todo mundo da seleção.

P.J. – As jogadoras que tu via na televisão?

K.S. – Sim. Quando eu cheguei lá eu falei: “Não acredito que elas estão aqui.” [RISO]
Eles não me deixaram fazer teste...

P.J. – Tu te inspirava em alguma delas para jogar, tinha alguma delas como ídolo?

K.S. – As minhas ídolos do futebol, como eu sempre falei, eu sempre acompanhei muito a Cristiane⁶ e a Marta⁷ e a Érika⁸. Quando eu vi a Érika ali eu não acreditei. Eu sempre acompanhei muito elas. Essas meninas que me dão inspiração para jogar. No entanto, eu me espelhei mais em histórias de futebol masculino, entende?! Como a história do Cafu⁹ que pra mim é... Porque nenhum outro jogador consegue fazer doze peneiras porque na segunda ele já desiste. Não consegue chegar na décima segunda. Eles desistem, mas o Cafu fez doze peneiras e depois só levantou a Taça do Mundo [RISO] Então, são pessoas em que eu me inspiro muito. Onde eu estava?

P.J. – No Vitória de Santo Antão. [RISOS]

¹ Nome sujeito a confirmação.

² Sociedade Esportiva Tiradentes, sediado na cidade de Teresina.

³ Thaís Duarte Guedes.

⁴ Thais Ribeiro Picarte.

⁵ Ketlen Wiggers.

⁶ Cristiane Rozeira de Souza Silva.

⁷ Marta Vieira da Silva.

⁸ Érika Cristiano dos Santos.

⁹ Marcos Evangelista de Moraes.

K.S. – Então, lá no Vitória de Santo Antão não consegui a oportunidade de fazer teste. Voltei para Aracajú, de novo. Depois teve outra peneira no Vitória de Santo Antão de novo. Eu continuei insistindo nesse time porque eu queria jogar nesse time, voltei na peneira de novo. Na época estava o Caio Couto, treinador da Seleção Brasileira, a Thaisinha, todas as meninas lá e eu não fiquei de novo. Não sei, acho que quando não é para ser não é né?! Não era ali que eu deveria estar. Dali eu fui para o Sport Club Recife porque eu fiz muita amizade, eu tenho facilidade de fazer amizade, com o pessoal de Vitória. E fiz amizade com o pessoal da rádio de lá e dei entrevista, saí no jornal e tudo. E acabou que eles arrumaram lugar para eu ficar. Eu fiquei lá em Vitória só que eu ia para o Recife treinar no Sport, mas o Sport não me dava condições de treinamento. Não tinha alojamento, não tinha nada para eu ficar, então eu decidi voltar para Aracajú. Sempre que eu ia e voltava, voltava sempre para a casa do meu professor até que eu falei para ele assim, que o meu objetivo era chegar aqui em São Paulo, se eu chegasse aqui eu conseguiria. Foi quando eu saí, cheguei na BR, pedi carona e graças a Deus, Deus nunca deixou que acontecesse nada comigo porque sempre que acontece essas coisas assim, quando os motoristas, sabe, eles querem fazer outras coisas, querem... E graças a Deus, eu conheci um rapaz que me ajudou muito sabe, veio comigo a viagem toda, foi como se fosse um anjo, foi com ele que eu cheguei até aqui em São Paulo. A gente passou mais ou menos, caramba, quase um mês para chegar aqui em São Paulo porque em paradas, em idas, é difícil. Como eu falei, quando eu cheguei aqui em São Paulo eu não tinha lugar para ficar.

P.J. – E nesses lugares que tu percorreu como é que vocês ficavam, na rua?

K.S. – Em todo esse tempo de viagem, de carona e tal eu só cheguei a dormir mesmo, não assim na rua, mas cheguei a dormir em banheiro de posto. Nas paradas, assim, de caminhão, dar duas da manhã, bater aquele sono, não aguentar de ficar ali em pé para esperar para pegar carona no outro dia e eu dormia no banheiro, já fiquei assim. Mas de chegar a passar mais do que isso, de ficar todo esse tempo na rua, não. Deus nunca deixava isso acontecer. Eu sempre tive um lugarzinho para ficar, sempre.

P.J. – E quando tu chegaste em São Paulo e te deparou com a cidade, tu estavas na rua...

K.S. – Quando eu cheguei em São Paulo, que eu fui passar pela marginal eu falava assim para mim mesmo: “onde eu estou?” [RISO] Pois era meu sonho chegar aqui. Cheguei em São Paulo sabe?! Eu imaginava que era difícil que era outra coisa, mas quando você vive aquela situação parece que se torna ainda mais difícil.

P.J. – Passou pela tua cabeça voltar e desistir?

K.S. – Não passou pela minha cabeça voltar, desistir. Passou pela minha cabeça que ia ser difícil, mas que as coisas iam melhorar. Porque assim, eu tinha na minha cabeça que se eu voltasse para lá eu não iria conseguir. Pois é isso que acontece no futebol feminino. Se eu voltar para lá eu não vou conseguir, então eu tenho que ficar aqui. Daqui para outros lugares.

P.J. – Tu estavas me contando da história que passou um rapaz...

K.S. – Justamente, esse rapaz que é um anjo enviado de Deus. Ele ia passando no meio da rua como uma pessoa qualquer e deixou um dinheiro cair, eu ajudei. Peguei o dinheiro para ele, devolvi, só que nesse meio tempo eu estava chorando, desesperada porque eu estava com fome, não tinha onde ficar e estava com muito frio. Ele viu que eu estava assim e a gente começou a conversar e ele me levou até um albergue. Eu não sabia o que era um albergue, só via albergue em filmes e os albergues de filmes são diferente tá?! [RISOS] Então, ele me levou a um albergue. Eu fiquei lá em um albergue durante quatro ou cinco meses, lá vivi com pessoas de todo o tipo. Com gente de outro país, com gente que eu percebi que tinham situações mais difíceis ainda. Se a minha era difícil, a deles era pior. Pessoas de todos os estilos, sabe?! E foi o maior aprendizado da minha vida, foi passar num albergue, foi o maior aprendizado que eu já tive.

P.J. – Tu enfrentou alguma dificuldade no albergue?

K.S. – Enfrentei em questão de...sabe o que é você sair da sua casa? Da sua casa, mesmo que você venha de uma família humilde, venha do interior, da roça, você tem uma situação e quando você chega para morar com pessoas que você nunca viu na sua vida e pessoas

diferentes de você, se torna difícil. Então foi difícil para mim me adaptar. Foi muito difícil porque albergue, você fica o dia todo na rua, você só tem um horário para voltar, se você passar daquele horário você não entra mais. Para perder a sua vaga é muito fácil porque sempre têm pessoas que querem ocupar o seu lugar. Tive alguns desentendimentos com algumas pessoas lá, justamente por causa disso. Teve um período que eu achei que eu não ia conseguir passar. Cheguei em um período que a minha cabeça estava a milhão, estava entrando em desespero porque as coisas não davam certo e eu queria muito sair dali. Foi difícil no albergue, mas eu aprendi muito mais do que passei dificuldade.

P.J. – Essa tua saída do albergue para o começo no futebol como é que foi?

K.S. – Quando eu saí do albergue. No período em que eu estava no albergue conheci dois peruanos e fiz amizade com eles. No começo, não entendia nada do que eles falavam comigo?! Eles falavam castelhano e eu não entendia o que eles falavam. Depois com o tempo eu fui entendendo e gente fez amizade. E um deles me chamou para morar com eles porque ele queria que eu saísse de lá, eu estava sem jogar em lugar nenhum. Fui morar com eles, a gente foi morar lá na república, de lá eu comecei a procurar outros times, e graças a ele...Devo muito a eles também, me ajudaram muito e aprendi a falar espanhol. [risos] Vim do mato e estou falando espanhol, conheci o Prisco¹⁰ que hoje é o meu treinador da Portuguesa, mas para eu conhecer o Prisco foi difícil também porque eu peguei o número do telefone dele, no meio do ano, através de um segurança lá da Federação Paulista de Futebol. Eu fui na federação paulista e ele que me deu os números e eu peguei o número do Prisco. Mas eu dei mais atenção pro São Caetano¹¹ porque ia ter uma peneira lá e a Portuguesa estava fechado, não estava tendo vagas para teste. Eu fui para o São Caetano e fiquei durante o período que fiquei no albergue. Acabei me machucando, torci o tornozelo. Então eu não tinha nem como ir treinar.

P.J. – Como chegaste no São Caetano?

¹⁰ Prisco Palumbo.

¹¹ Associação Desportiva São Caetano.

K.S. – Eu cheguei no São Caetano através desse segurança. Ele me deu o contato da Grazi¹² e falou que teria uma peneira, fui, passei no teste, eles gostaram de mim. Me ajudavam muito, a Grazi e a Dri¹³. Eu já estava no sub-20 quando comecei a treinar com as meninas do principal. Estava muito feliz mesmo e aí me machuquei, machuquei o tornozelo.

P.J. – No treino?

K.S. – Sim, em um lance idiota. E eu não conseguia nem treinar, nem jogar, nem trabalhar. Eu tinha que trabalhar, trabalhava no farol, para poder pegar o dinheiro e treinar, né? Eu não conseguia fazer nada disso, fiquei triste. Foi quando aceitei a proposta de morar com meus amigos peruanos. E através deles... no período em que eu fiquei lá no albergue eu fiz amizade com pessoas que trabalhavam em outros lugares. Eu conheci o Re¹⁴, que é um amigo, que me ajudou também. Quando eu saí da casa dos peruanos, eles voltaram para o Peru, eu fui morar com o Re. No período de novembro até agora quando eu fui para a Portuguesa, ele me ajudou muito. E desde o ano passado que eu estou em contato com o Prisco, consegui me encontrar com o ele esse ano e me deu a oportunidade. E nesse ano que as coisas estão fluindo, eu já estou lá, jogando o campeonato paulista e estou feliz.

P.J. – Em que posição tu joga?

K.S. – Sou volante.

P.J. – Em todos esses lugares que tu percorreu, times que passou, jogadoras que viu... Como tu vê a situação do futebol feminino no Brasil?

K.S. – No Brasil? [RISO] Eu vejo que pode melhorar, entende? Porque, eu quero defender meu país, mas eu quero também que ele me dê condições de fazer isso. O futebol feminino é muito desvalorizado. É exagero a quantidade e o absurdo de dinheiro que é no futebol masculino e no feminino não. A maioria das vezes, as meninas precisam trabalhar e jogar para se manter. Não vivem somente do futebol. São poucos os clubes que dão assistência

¹² Nome sujeito a confirmação.

¹³ Nome sujeito a confirmação.

para as meninas treinarem os dois períodos e terem condições de se manter somente do futebol. Tanto que, meu sonho é jogar fora, é jogar na Alemanha. Pois lá, você vive só do futebol, eles têm outro pensamento do futebol feminino. Aqui precisa evoluir mais, mas para o que era e como está hoje, já evoluiu muito até. E acho que vai evoluir mais ainda.

P.J. – Tu tens conseguido te manter aqui com a Portuguesa financeiramente? Precisa trabalhar?

K.S. – Agora as coisas melhoraram. [RISO] Para quem não tinha nada, não tinha dinheiro para nada, as coisas melhoraram, graças à Deus. E nesse período que eu trabalhei, eu consegui juntar um bom dinheiro.

P.J. – E tu moras onde agora?

K.S. – Agora, eu moro no alojamento da Portuguesa.

P.J. – Há mais meninas junto contigo?

K.S. – Tem. Treze meninas moram lá.

P.J. – Todas elas são de outra cidade, outro estado?

K.S. – Não, de longe mesmo, só eu, a maioria é daqui de São Paulo. Só a Grazi, da seleção, que é de Brasília, o resto todo é daqui de São Paulo.

P.J. – Tem mais alguma coisa que tu gostaria de comentar, compartilhar conosco, que eu não tenha perguntado, em relação ao futebol?

K.S. – Em relação ao futebol?

P.J. – Ou da tua carreira. Alguma coisa que tu tenha esquecido de contar, ou queira contar.

¹⁴ Nome sujeito a confirmação.

K.S. – Não. Eu vou falar, em relação a sonho, de novo. Parece besta, mas não é besta. Porque são poucas as pessoas que correm atrás de seus sonhos de verdade. As pessoas se acomodam muito com o que a vida bota na frente. Por exemplo: “Eu não vou conseguir ser aquilo, então vou procurar outros caminhos.” E eu acho que não é assim, acho que se todo mundo tivesse um sonho e corresse atrás dele, acho que todo mundo realizaria esse sonho. Não é nada impossível, impossível é para Deus, não tem nada impossível. Pois até quando a gente morre, nosso espírito permanece vivo. O que eu quero falar é que se você acredita em alguma coisa, você tem que acreditar sempre, acreditar em você. Você é capaz de tudo.

P.J. – Então, te agradeço pela entrevista e coloco o Centro de Memória a tua disposição. O que tu precisar, entre em contato conosco. Obrigada mais uma vez.

[FINAL DA ENTREVISTA]